

O ENCONTRO DA EDUCAÇÃO COM A SAÚDE MENTAL NA MINHA EXPERIÊNCIA

Karla Rosane do Amaral Demoly

Agradeço o convite para este importante encontro de estudantes, docentes e técnicos do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, uma roda de conversa e convite para trazer um entendimento sobre, no meu caso, o encontro entre saúde mental e educação.

Entendimento é mais amplo que conhecimento ao fazer referência às experiências, situações vividas nas quais as explicações da gente ganham um sentido. É esta relação entre as palavras que aqui trago e a minha vida, o fazer.

Buscarei trazer para a roda como este encontro entre educação e saúde mental se deu em meu viver, pois acredito que em educação podemos oferecer e partilhar o que aprendemos como um fazer, na experiência direta em educação. E me pus a pensar por onde esta conversa acontece no meu percurso.

Então vou recortar um pedacinho da caminhada, partilhar com esta comunidade linda que aqui está online para que possamos depois seguir conversando e nos transformando juntos/as.

Quando era bem jovem, como muitos de vocês aqui, nós vivíamos no nosso país um momento muito rico, repleto de emoções de vida e alegria nas práticas da cultura, da educação, ações que voltavam a trazer luzes, esperança e tivemos o retorno de exilados políticos.

Entre tantos os que retornaram e nos alegravam profundamente, estava Paulo Freire.

Eu era jovem professora, depois tornei-me estudante de Pedagogia e participava de movimentos sociais para que crianças e jovens da periferia tivessem acesso à escola. Naquele período muita gente estava fora da escola e, na região da Grande Cruzeiro do Sul em Porto Alegre, as escolas públicas que existiam estavam deterioradas.

Em Porto Alegre nos encontramos com Paulo Freire e uma amiga, Cecília Alves, dispostos a mobilizar as comunidades para novamente desencadear práticas de alfabetização de crianças, jovens e adultos, ler e escrever como uma prática de libertação.

E eu me pus nessa empreitada a conviver na Vila Tronco com coletivos de jovens, adultos e crianças. Ao mesmo tempo, conheci suas vivências na escola.

Acredito que aí se deu o encontro inicial com o tema da saúde mental.

Eu fazia a universidade e a percebia muito distante dos reais anseios e problemas da comunidade, fazia perguntas que poucas vezes eram valorizadas, então busquei outros grupos para estudar. Partia das premissas seguintes: educar é uma prática de libertação,

todos nós humanos aprendemos e eu desconfiava de algo, - que as explicações que me chegavam para compreender a - não aprendizagem - eram falsas ou, quando se aproximavam de uma busca de ampliação da mirada, não me ajudavam a clarear o que vivia. Precisava buscar outras redes que confiassem no potencial humano de alegria, aprendizagem e cuidado.

Ao percorrer e estar na vila Tronco, eu fortalecia em mim mesma, aqui um corpo linguajante que se afeta diante do que vive e observa, a inquietação diante da fome, de morar perto do lixo, eu sofria junto e escutava as histórias de mulheres, de homens e de crianças em percursos que envolveram ainda mais que alfabetizar, o que sei que já era grande como fazer, pois se misturavam aos grupos de artes, coletivos de mulheres a conversar sobre cuidado e sexualidade, entre tantas ações ancoradas em um emocionar verdadeiro que posso nomear como - amar -. Educar, conhecer, aprender são movimentos amorosos, uma lida com a gente mesma na qual estava - abraçada a mim - e, como diz Carlos Drummond de Andrade em sua poesia - Ausência - “não há falta na ausência”

Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.
(Carlos Drummond de Andrade)

Aí hoje, seguindo no caminhar, tenho esta clareza de que somos seres constitutivamente amorosos, precisamos estar bem com os outros, aprender e nos movimentarmos em busca da conservação do viver com a alegria do aprender e do cuidar.

Diva, Maria dos Navegantes, Maria, Ézio e tantas outras mulheres e homens me marcaram profundamente e foram Mestres para mim, moradores da comunidade que me ensinavam a sabedoria da humildade, a coragem para criar formas de viver e, especialmente, desde aí aprendi que precisamos muito pouco para que todas/os possam viver com saúde, aprendizagens alegres em uma relação harmoniosa com os seres que nos cercam.

Busquei redes e foi quando encontrei o GEEMPA, Grupo de estudos em educação, metodologia de pesquisa e ação.

A história esta seria longa, então vou recortar um trechinho. Neste grupo que considero dos mais potentes no Brasil ainda hoje, trazemos as criações dos sujeitos ,crianças, adultos e estudamos as dimensões intervenientes na aprendizagem.

O encontro com Piaget, Vygotsky, Wallon, Winnicott, Freud, entre outros foi necessário para eu compreender os percursos de crianças e adultos em processos de alfabetização. E desde aí, no diálogo com grandes educadoras, entre as quais indico Alicia Fernández, pude me aproximar do campo da saúde mental.

Foi meu primeiro momento no qual as circunstâncias vividas com crianças e adultos eram compreendidas e todas/os passaram a aprender, porque eu estava a aprender, processo que me interessa desde muito jovem. Aprendi que tudo implica em uma relação com o outro, a começar pela reflexão em torno do próprio fazer. Mas há também a ciência com uma qualidade nova para nos apoiar, alfabetizar é uma experiência na qual múltiplas dimensões do ser humano intervêm e é preciso método para que todos/as efetivamente aprendam.

Como seres humanos linguajantes que somos contamos com as dimensões que afetam, interferem no aprender. Herdamos um organismo que posto em movimento nos permite visibilizar o corpo e suas múltiplas formas de linguajar com as quais fazemos e conservamos o viver que queremos. Temos a dimensão da inteligência que se expressa na via da aprendizagem, mas temos a dimensão do grande Outro que nos constitui na dimensão do inconsciente. Inteligência, Desejo, Corpo e Organismo entram na cena do aprender e cuidar. E os veículos com os quais aprendemos são as formas de linguajar, transversalizadas pela Cultura e por aquilo que nomeamos como realidade. E esta será sempre uma realidade para cada ser humano que conserva o viver que quer viver.

Estudava bastante, mas o fazer se dava no miúdo que era e é sempre imenso, como costume trazer, é deste miúdo que precisamos cuidar. Cada história, cada vida, eu me colocava ao lado de cada aluna/o da comunidade e prestava a atenção para minha vida e nosso país que ali se transformava. Estudava a partir dos escritos da criança, suas narrativas, desenhos, cenas do cotidiano, acompanhei os movimentos do viver-conhecer.

Alicia Fernandez me ajudou muito a compreender o que nomeava como - os idiomas do aprendente - ou “a sexualidade atrapada de la maestra” foram obras lidas e vividas, muito potentes para a mulher professora. E uma lida comigo mesma tornou-se necessária para seguir me transformando no ato de aprender, amar, conhecer.

O percurso terapêutico foi e segue importante nesta direção de seguir a oferecer o que vou construindo no viver. Em educação e em um viver no qual buscamos saúde e alegria, se dá esta interconexão entre o que vivo e o que ofereço ao outro.

No ano de 1989 a 1992 fizemos uma revolução na educação de Porto Alegre, o que era miúdo tornou-se grande. Um trabalho imenso que partiu da premissa clara de que todos aprendem. Estávamos de mãos dadas com as grandes referências mundiais em educação, em uma abordagem justamente que procurava dar conta das dimensões intervenientes no

aprender. E de mãos dadas com a arte e a cultura. Os grandes e amorosos artistas do RS integravam nosso trabalho.

O encontro com Marisa Eizirik foi muito importante, grande mulher, cientista, escritora. Marisa acolheu a minha inquietude e me abriu espaço para compreender processos nem sempre perceptíveis, as capturas na escola, quando a professora e também as crianças estão/não estando a viver a alegria do aprender. Foi quando aprofundei no mestrado os estudos sobre mecanismos de saber-poder em educação e pude ampliar a mirada sobre o que me/nos acontecia na escola.

E aqui foi quando eu me debrucei sobre o percurso de professoras. Passei a estudar as escritas de quem tem a tarefa de promover a aprendizagem, a alfabetização. Devagarinho eu me aproximava da necessária escuta, observação e reflexão sobre o viver da professora.

1989 a 1992 foram anos intensos, pois ao mesmo tempo que cuidava de pensar junto às ações nas escolas da rede municipal de Porto Alegre, todas na periferia da cidade, eu era convidada a promover o aprender, a alfabetização como prática de liberdade em outros estados. Um deles me marcou profundamente, o município de Icapuí no Ceará. Nas minhas férias lá eu estava junto das professoras e este município, coordenado por Augusto na Educação, fez a revolução também, o que para mim implica pensar na alegria de todos e todas aprenderem com leveza e potência.

Após nossa retirada da secretaria de educação em Porto Alegre, o que para minha saúde foi melhor (os espaços de poder se mostram quase sempre adoecidos), vivi anos de trabalho direto na escola pública. E em um momento seguinte eu resolvi acolher o desafio de me tornar docente em uma universidade comunitária. UNIJUÍ.

Hoje sei que muito do que faço vem do vivido. Educação junto ao movimento dos sem terra, educação em comunidades indígenas kaingang, educação junto aos trabalhadores rurais e educação no encontro com diferentes etnias e histórias na universidade.

Estava em uma universidade cujos projetos dialogavam todos com as práticas e necessidades das comunidades. E eu entendo que este encontro, sempre presente, traz saúde e alegria para os coletivos da educação.

Nossos corpos linguajantes podem experimentar a alegria e o prazer quando não nos deixamos capturar por uma máquina adoecida que repete a lógica da competição na educação e na vida cotidiana. E este movimento atencional que tem que ver com a gente mesmo é muito importante de ser vivido em todos os coletivos dos quais participamos.

Na Unijuí, alfabetizadoras que vivem em condições perceptivas diferentes pela ausência ou presença da visão, da audição me procuraram para compor uma experiência. Desejavam estar juntas e colaborar para que todas e todos os seus alunos aprendessem.

Foram 2 anos de encontros continuados até que resolveram compor um livro. Passei a estudar o viver de mulheres cegas, mulheres surdas, ensinantes em escolas, suas linguagens e formas de viver e aprender.

Daí fiz minha tese, acompanhando a criação da escrita e pude construir o entendimento em 2008 de que já dispomos de uma convergência de linguagens e tecnologias que favorecem estarmos juntos na educação, a conversar e a aprender com arte e alegria. A pergunta que carrego ainda comigo é porque pouco fazemos neste âmbito da educação inclusiva?

Construí na UNIJUÍ com colegas maravilhosas/os a Política de Educação Inclusiva e muitos estudantes que antes não se encorajaram ao ingresso no ensino superior passaram a fazer, a bater nas portas da universidade.

E lá conheci dois dos meus maiores Mestres, Larry Wisnievsky e Mário Osório Marques. E se me perguntarem hoje porque colaborar com o tema da saúde mental eu posso parafrasear meu grande amigo Larry que, ao ser questionado sobre porque colaborar com práticas de educação inclusiva, falou. “Há temas que nós não buscamos, eles nos encontram”.

Neste mesmo período, a minha orientadora de tese criava um trabalho junto à equipe de saúde mental do Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre e eu visitei este fazer. Ela me convidou a colaborar, minha pesquisa era outra com as professoras, mas o que vivenciei neste espaço com jovens me marcou, são imagens que ficam e produzem uma inquietude. Por vezes estas retornam anos depois e fazemos algo.

Após o doutorado, o sonho em retornar a Icapuí foi tanto que acabei buscando formas e me tornei docente mais pertinho deste município do Ceará. Hoje trabalho no RN, em Mossoró na UFERSA, a mais ou menos 1 h de Icapuí.

E aqui o encontro com saúde mental se deu quando visitei um Centro de Atenção Psicossocial da Infância e da Adolescência e construí uma prática com crianças envolvendo várias formas de linguajar com o propósito de favorecer formas de livre expressão.

O tema da educação como prática de liberdade e da educação inclusiva se desdobrou quando me encontrei com Nise da Silveira, sua obra, histórias de vida de grandes artistas que com ela trilharam percursos de cura. Ray Lima, grande amigo ainda dos anos 80 me ajudava a clarear o encontro das artes com a saúde mental e a educação. E Vitor Pordeus traz a potência do linguajar por meio do teatro. Me debrucei sobre leituras, ao mesmo tempo em que ia inventando formas de fazer com o que trazia no percurso, brincar com as crianças, construir tessituras com as famílias, me aproximei deste outro espaço do trabalho da saúde mental..

Hoje cuido de uma experiência que mobiliza comunidades de Mossoró especialmente, amigas e amigos artistas, crianças e famílias que constroem seus percursos

de cura do sofrimento e passam a expressar vidas e obras em encontros continuados envolvendo artes, cenopoesia, linguagens as mais diversas que permitem transformar percursos do viver.

Ao trazer estes recortes de meu viver fazer na educação e na saúde mental, qual pergunta e inquietude se apresenta para mim neste momento?

Em Educação e na nossa vida cotidiana nos sentimos adoecidos em meio a tantas brutalidades e violências.

É preciso que tenhamos a Coragem de encarar que o que vivemos tem relação com as escolhas que fazemos em torno do viver que queremos conservar.

Criamos uma ciência que moldou muitas formas de pensar e agir que separam o que verdadeiramente não acontece de forma separada. As relações entre eu e o outro, entre o meu viver e a natureza, entre razão e subjetividade, entre nós mesmos e o que nomeamos como realidade.

Grandes mestres me acompanham e deles não largo as mãos, Humberto Maturana, Paulo Freire, Nise da Silveira, Alicia Fernández, entre outros, pois deixaram pistas muito importantes, obras de vida, sabedoria e conhecimento.

Um grande Mestre amigo nos deixou dias desses Humberto Maturana. Biólogo e filósofo. O cientista em diálogo com muitos outros que o antecederam explicou algo que é precioso para todas/os nós.

Deriva natural, mundo e sujeitos emergem juntos. O modo como vivemos é o modo como conhecemos.

Tudo muda em torno de algo que se conserva.

Em meu entendimento, a Educação necessita repensar suas práticas, desmontar toda e qualquer ação competitiva no interior de seus processos para poder dizer e viver a alegria de aprender e cuidar. Por isso, em um livro que organizamos o título ficou - Educação para Cuidar e Saúde Mental para aprender: ações e reflexões no momento presente -.

Rodas de conversa amorosas, a escuta que busca o entendimento dos professores, a escuta que busca verdadeiramente a alegria e responsabilidade com o aprender de todas/os, enfim. Podemos experimentar prazer e alegria no percurso do viver a educação ao atentarmos para a potência dos encontros e o modo como nos afetamos no caminhar cotidiano.

O convite é para amar, cuidar, aprender, construir esta sabedoria de uma educação como prática de liberdade.

28 de setembro de 2021.